

## **Os grupos étnicos africanos e suas formas de organização social na cidade de São Paulo na primeira metade do século XIX.<sup>1</sup>**

Regiane Augusto de Mattos – PPG-USP

É sabido que durante muitos anos o tráfico atlântico de escravos permaneceu vigente e trouxe do continente africano milhares de negros que abasteceram as diferentes regiões do Brasil. Escravos de diversas origens e lugares se misturavam nos navios negreiros e desembarcavam nos principais portos brasileiros. Aqui, esses africanos receberam novas designações que revelavam a sua origem, o que chamamos de *grupos étnicos*.<sup>2</sup> Esses grupos étnicos, obrigados a irem para a outra costa do Atlântico, não eram os mesmos que existiam antes de serem capturados e transformados em escravos. Foram reunidos em supostas etnias, como nomes de portos de embarque, principais mercados no continente africano, por conveniência do tráfico de escravos. Essa reunião de grupos étnicos promovida por agentes externos, como os proprietários de escravos e a Igreja Católica, acabou sendo reelaborada e internalizada pelos próprios indivíduos classificados, resultando numa identidade étnica que direcionou as formas de organização, as alianças, a vida religiosa, as reuniões matrimoniais, bem como redefinindo as relações entre os diferentes grupos.

Sabemos que assim que o escravo chegava em terras brasileiras, seu proprietário encaminhava-o para a paróquia mais próxima, onde era batizado. A partir desse momento era considerado pertencente ao “mundo dos cristãos”. Dessa forma, o batismo era utilizado como mecanismo de inserção dessa população não somente nos costumes dos brancos europeus, mas também na própria sociedade brasileira. Os registros de batismo identificavam a população, trazendo informações sobre o nome do batizado, dos pais ou, no caso dos africanos, dos proprietários, bem como a sua origem étnica.

Notamos que em 13,5 % dos registros de batismo de escravos realizados na cidade de São Paulo, somando as regiões da África Centro-Oeste, Ocidental e

Oriental, a Igreja identificou esses africanos com grupos étnicos específicos, enquanto em 86,5% utilizou termos genéricos, como “gentio da Guiné” e “Costa da África”.

**Tabela 1: Origem dos escravos africanos**

Origem	No.	%
Guiné <sup>1</sup>	366	37,70
África <sup>2</sup>	224	23,06
da Costa	150	15,45
Costa da África	68	7,00
Centro-Oeste <sup>3</sup>	66	6,80
Ocidental <sup>4</sup>	51	5,25
Costa da Guiné	32	3,29
Oriental <sup>5</sup>	14	1,45
Total	971	100,00

**Fonte:** Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, Registros de Batismo. Livros 5-2-23, 5-2-20, 3-2-2, 3-2-13, 6-1-33, 5-3-26, 5-3-32, 6-2-16, 2-2-12.

<sup>1</sup>Esta expressão abrange os termos “da Guiné” e “gentio da Guiné”.

<sup>2</sup>Esta expressão abrange os termos “africano”, “africano de nação”, “de nação”.

<sup>3</sup>Esta expressão abrange os termos “angola”, “cabinda”, “cassange”, “congo”, “munjolo” e “rebolo”.

<sup>4</sup>Esta expressão abrange o termo “mina”.

<sup>5</sup>Esta expressão abrange o termo “moçambique”.

Haveria certa dificuldade em realizar a distinção entre os diversos grupos. Dificuldade talvez decorrente da dependência da declaração do próprio africano que não estava familiarizado com a língua e/ou da ausência do proprietário no momento do registro. Por outro lado, podemos pensar que essas informações não tão específicas quanto à origem étnica dos africanos fossem suficientes, aos olhos dos religiosos, para inseri-los na sociedade paulista e promover a sua conversão à doutrina católica por meio dos sacramentos como o batismo.

De acordo com os registros de óbito analisados, alguns termos utilizados nos registros são muito abrangentes e não nos permitem identificar a região exata da África, como nos casos em que aparecem os termos “Costa da África”, “da Costa”, “gentio da Guiné” e “Costa da Guiné” – 89,15%. Por outro lado, os termos mais específicos, que revelam os grupos étnicos africanos encontram-se em 10,85% se somarmos as áreas Centro-Oeste, Ocidental e Oriental do continente africano. (tabela 2)

É interessante atentar para os termos mais específicos utilizados. Percebemos que são designações semelhantes às apresentadas no restante do Império, em

regiões onde a população africana permaneceu em grande quantidade, como no Rio de Janeiro e em Salvador. São expressões comuns e difundidas largamente pelo tráfico atlântico. Veremos mais adiante que foram mencionadas também pelos proprietários de escravos e incorporadas pelos próprios escravos e libertos africanos.

**Tabela 2: Origem dos escravos e libertos africanos**

área da África	Total	%
Guiné <sup>1</sup>	529	59,85
da Costa	139	15,72
Centro-Oeste <sup>2</sup>	73	8,25
África <sup>3</sup>	59	6,68
Costa da África	31	3,50
Costa da Guiné	30	3,40
Ocidental <sup>4</sup>	22	2,48
Oriental <sup>5</sup>	1	0,12
Total	884	100,00

**Fonte:** ACMSP, Registros de Óbito. Livros: 2-2-25, 2-2-30, 3-1-38, 3-1-36, 5-3-36, 2-2-12.

<sup>1</sup>Esta expressão abrange os termos “da Guiné” e “gentio da Guiné”.

<sup>2</sup>Esta expressão abrange os termos “angola”, “cabinda”, “cassange”, “congo”, “munjolo”, “rebolo”, “benguela”, “cabundá”, “ganguela”.

<sup>3</sup>Esta expressão abrange os termos “africano”, “africano de nação”, “de nação”, “África”, “do gentio”, “gentio de nação”, “nação africana”.

<sup>4</sup>Esta expressão abrange o termo “Costa da Mina”.

<sup>5</sup>Esta expressão abrange o termo “moçambique”.

Obs: Há um registro não classificado: “muumbé”.

Nesse momento, voltamo-nos para as formas de identificação étnica fornecidas pelos proprietários de escravos, debruçando-nos sobre os anúncios de cativos fugidos e à venda nos jornais publicados na cidade de São Paulo. Esses anúncios nos permitem perceber não apenas a reação dos escravos através das fugas diante da opressão do sistema escravista, mas também revelam de que maneira os proprietários identificavam essa população, sobretudo etnicamente. Também nos mostram a descrição detalhada de alguns africanos, apontando traços físicos como altura, idade e até mesmo marcas próprias da “nação” de origem.<sup>3</sup>

Uma das características mais recorrentes utilizadas para a distinção dos grupos étnicos são os “sinais de nação”. Como já vimos na historiografia e, muitas vezes, em pranchas pintadas pelos cronistas, as escarificações presentes,

principalmente, na face dos africanos possuíam formas que poderiam revelar a “etnia” a que pertenciam.<sup>4</sup>

As fontes documentais analisadas apresentam dados mais detalhados a respeito dos grupos étnicos dos africanos. Procuram mostrar uma preocupação em distinguir africanos e nascidos na sociedade local, bem como identificar de forma mais minuciosa as diferentes “nações africanas”, destacando os respectivos sinais físicos. Dessa maneira, a identificação étnica aparece como elemento primordial no conjunto das informações sobre determinado cativo. Assim como os anúncios de escravos fugidos, os que oferecem cativos à venda também possuem uma forte tendência à identificação dos seus diversos grupos étnicos.<sup>5</sup>

Neste caso, se somarmos as três áreas do continente africano que abasteciam o tráfico de escravos para a América, isto é, Centro-Oeste, Ocidental e Oriental, encontramos referência aos grupos étnicos em 82,48% dos escravos fugidos e à venda. Enquanto que as designações genéricas como “da Costa”, “gentio da Guiné”, “de nação” aparecem em 17,52% dos escravos anunciados.

**Tabela 3: Origem dos escravos africanos fugidos e à venda**

Área da África	Total	%
Centro-Oeste <sup>1</sup>	85	48,03
Oriental <sup>2</sup>	52	29,37
África <sup>3</sup>	22	12,42
Ocidental <sup>4</sup>	9	5,08
da Costa	6	3,40
Guiné	3	1,70
Total	177	100,00

**Fonte:** AESP, *O Farol Paulistano*, 1828-1831, 03.03.004, 03.03.005 (microfilme); *A Phenix*, 03.04.027 (microfilme).

<sup>1</sup>Essa expressão abrange os grupos cabinda, benguela, congo, rebolo, angola, munjolo, cassange, cabundá, moxicongo.

<sup>2</sup>Essa expressão abrange os grupos moçambique e quilimane.

<sup>3</sup>Essa expressão abrange o termo “de nação”.

<sup>4</sup>Essa expressão abrange os grupos mina e nagoa.

Obs: Há um registro de “nação nambana” não classificado.

Dessa maneira, observamos que os próprios senhores donos de escravos mostravam-se preocupados em identificar e distinguir a população africana. Um aspecto relevante para explicar essa distinção é a forte idéia que se vinculava na época

a respeito do africano. Vemos na historiografia sobre a escravidão que o escravo nascido no âmbito da sociedade local, era considerado facilmente dominado. Já o africano era visto como mais rebelde, um elemento perigoso ao resto da população, necessitando ser vigiado a maior parte do tempo. Inclusive a distinção entre as diversas “nações” passava por esse âmbito da periculosidade africana.

Segundo o pensamento recorrente naquela época, africanos de determinadas regiões e etnias que, eventualmente, atravessavam intensas guerras e conflitos em sua terra de origem, seriam mais propensos às revoltas, estando predispostos à violência no Novo Mundo. Talvez, neste caso, seja mais compreensível o fato dessa distinção, realizada pelos proprietários, apresentar-se com mais detalhe e precisão, pois, afinal, tratava-se de uma propriedade e a procedência dos cativos, bem com as suas específicas características poderiam fazer parte da estratégia de dominação, utilizada como forma de controle da escravaria.

Ademais, o discernimento das características dos grupos étnicos de africanos, pelos proprietários de escravos, poderia ser ocasionado por um interesse comercial. Seria necessário, no momento da compra, avaliar os aspectos físicos, como idade e condições de saúde, bem como ter a noção de qual o melhor grupo étnico para exercer uma determinada atividade, de acordo com a que já praticava na sua terra de origem. Saber o que estariam utilizando como mão-de-obra era uma preocupação recorrente.

Por outro lado, a preservação desse conhecimento também revela e, neste caso, podemos incluir todas as camadas da sociedade, um exercício de identificação acarretado pela convivência e pelo contato cotidiano com os diversos grupos étnicos de escravos e libertos oriundos do continente africano e que passaram a viver na cidade de São Paulo. Acredito que todos esses fatores contribuem para explicar a prática da identificação étnica dos africanos.

Este artigo tem também por objetivo perceber como a identificação a determinados grupos étnicos direcionou as formas de organização desses africanos como, por exemplo, a associação em irmandades religiosas.

As irmandades negras são, muitas vezes, consideradas uma forma de conversão e de acomodação de africanos à doutrina e aos rituais católicos. No entanto, percebemos a possibilidade destes africanos manifestarem suas tradições e visões de mundo. A festa da padroeira era um importante momento para a reunião entre negros escravos e libertos, africanos e nascidos na sociedade local. Nestas celebrações eles podiam ter um contato maior com seus irmãos de cor e de condição social, relembrando aspectos de sua própria cultura e assim promover a sua preservação. Havia no dia da festa da padroeira uma mistura entre sagrado e profano. Mas a festa não acabava aí, estendia-se pelas ruas do Largo do Rosário onde africanos desfilavam ao som de música de batuques.<sup>6</sup>

Assim como a festa da padroeira, a eleição e a coroação do Rei e da Rainha representavam um momento muito importante e de grande destaque para a Irmandade, bem como, para os indivíduos que ocupavam esses cargos. Estas cerimônias religiosas compreendiam missas cantadas, sermões e procissões.<sup>7</sup>

Por meio da leitura atenta do Compromisso verificamos, apenas quanto à ocupação desses cargos, a distinção de um determinado grupo étnico. O capítulo 22 destinava-se à regulamentação da eleição de um Rei e uma Rainha da Irmandade de N.Sra. do Rosário, especificando que esses membros deveriam ser do grupo angola.<sup>8</sup>

Neste caso, observamos também a distinção entre os diferentes grupos étnicos, realizada por escravos e libertos dentro das irmandades. O papel de destaque fornecido à “nação angola” condicionando-a como elemento obrigatório à candidatura aos cargos de Rei e de Rainha da Irmandade, revela a existência da relação entre identidade étnica e organização social.

Aos africanos de diferentes regiões que desembarcaram no Novo Mundo, foram-lhes atribuídos, por agentes externos, como os proprietários de escravos e a Igreja Católica, grupos étnicos que consistiam em nomenclaturas do cotidiano do tráfico atlântico. Por outro lado, esses africanos promoveram uma auto-identificação, reorganizando-se por meio desses grupos étnicos e construindo, dessa maneira, uma

identidade étnica. Portanto, identidade étnica é um conceito baseado na incorporação dos próprios africanos aos grupos étnicos definidos no momento da diáspora. Essa identidade étnica levava em conta afinidades e características que os africanos consideravam em comum, como a língua, a cultura, a ascendência e que, muitas vezes, não imaginavam existir quando estavam no continente africano.<sup>9</sup>

Dessa maneira, podemos entender a eleição de africanos do grupo angola para ocupar o principal cargo desta associação religiosa. Talvez esta associação religiosa fosse organizada e administrada por este grupo, por se encontrarem em maior número como irmãos ou componentes da Mesa de direção. De qualquer forma, havia uma notável preocupação dos próprios membros negros da Irmandade em distinguir os grupos de africanos e, a partir daí se organizarem etnicamente.

No entanto, é preciso chamar a atenção para o fato de que não havia em nenhum capítulo do Compromisso a proibição para a entrada ou a candidatura aos demais cargos da Mesa de africanos pertencentes a outros grupos étnicos. A eleição de destaque de um grupo étnico poderia funcionar como uma forma de acender antigas rivalidades, dificultando alianças entre os africanos. Acredito que essa estratégia nem sempre funcionou. A permissão da entrada de qualquer grupo étnico na irmandade revela certa aproximação entre os diversos grupos, empregada até mesmo como uma estratégia de sobrevivência. Quanto maior o número de pessoas conhecidas e de companheiros de condição, maior a rede de apoio e de solidariedade presentes nos momentos difíceis. Os negros elegeram no Novo Mundo os seus “parentes de nação”, uma espécie de grande família simbólica, já que a de origem havia sido desmantelada ainda no continente africano. Esses “parentes de nação”, muitas vezes, eram de grupos étnicos distintos.

Portanto, notamos como os escravos e os libertos, africanos e nascidos na sociedade local, se organizavam socialmente, integrando as irmandades religiosas e promovendo certa aproximação entre diferentes grupos étnicos como forma de solidariedade, visto que se encontravam nas mesmas condições sociais. Isto não

significava a inexistência de distinção étnica entre eles, mas uma maleabilidade na convivência e porque não dizer, numa estratégia de sobrevivência.

---

<sup>1</sup> Esta comunicação foi elaborada com base nos dados parciais da pesquisa de mestrado em História Social na Universidade de São Paulo, com orientação da Profa. Dra. Leila Leite Hernandez e que tem por objetivo apresentar um perfil dos grupos étnicos dos africanos, escravos e libertos, em São Paulo, na 1ª. metade do século XIX, salientando as suas formas de organização social, em particular no que se refere às manifestações culturais e religiosas.

<sup>2</sup> No que se refere ao conceito de etnia, utilizamos a definição de Fredrik Barth, considerando-a como termo intercambiável de grupo étnico. No caso dos escravos africanos, particulariza-se a reorganização desses grupos nos momentos de embarque no continente africano e, posteriormente, desembarque no Brasil. BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. SP: Editora Unesp, 1997, p.187-227.

<sup>3</sup> “No dia 14 de Junho do corrente annos fugirão da Fazenda denominada Bellem do districto de Juqueri, do Sargento-mor Joaquim Floriano de Godoi 3 escravos inda alguma coiza buçaes, cujos nomes e signaes são os seguintes João nação muxava, baixo, cheio de corpo, o rosto estrelado, bons dentes - Romão, Nação Monjolo, alto, cara riscada ao comprido, piza com os calcanhares primeiro que os dedos - Manoel, Nação Benguela, boa estatura, cara liza, beiços vermelhos, bons dentes - todos forão de camiza e siroula de algodão, coletes de baeta roxa forro azul, botons redondos amarelos, mantas de algodão riscado, baetas e chapéos de palha. Quem os puder aprehender, e os entregar nesta Cidade ao dicto Godoi, será gratificado”. Arquivo do Estado de São Paulo (AESP), *O Farol Paulistano*, SP, 19 de junho de 1830, 03.03.005 (microfilme).

<sup>4</sup> “A Joaquim Alves Alvim fugio, ha 3 mezes um preto de nação Congo, de estatura mediana, feições tristes, parece ja velho, com uns signaes da nação no meio da testa e n'uma das sobrançelhas, ainda boçal. Ao mesmo fugio a 4 dias, um mulato de altura ordinaria palido, sem barba, de nome Pedro, official de carapinteiro” Idem, 5 de agosto de 1829, 03.03.004 (microfilme).

<sup>5</sup> “Na Rua Direita n.2 ha para vender uma negrinha nova, nação Benguella, meia ladina, sabendo já o serviço da casa por d'entro, e sem defeito nem-um. Quem quizer comprar queira aparecer na mesma casa, e tractar com o Sr. d'ella.” Idem, 18 de outubro de 1828, 03.03.004 (microfilme). “Quem quizer comprar uma negra, de nação cassanje, de idade 20 annos, boa lavadeira, e engomadeira, cozinha muito bem, e sabe tractar bem de uma casa de família, quem a pertender dirija-se a rua do Carmo n.67, que achará com quem tractar, o seu dono vende por circunstancias que no ajuste as dirá.” Idem, 11 de setembro de 1830, 03.03.005 (microfilme).

<sup>6</sup> “Por ocasião das solenidades que, antigamente, se efetuavam na igreja de Nossa Senhora do Rosário, em honra desta Santa, se realizavam também, em frente à mesma igreja, festejos populares, postando-se aí um numeroso bando de pretos africanos, que executavam, com capricho, a célebre música denominada Tambaque (espécie de Zé Pereira), cantando e dançando com as suas parceiras, que adornadas de rodilha de pano branco na cabeça, pulseira de prata, e de rosário de contas vermelhas e de ouro no pescoço, pegavam no vestido e faziam requebrados, sendo por isso vitorizados com uma salva de palmas pela numerosa assistência(...)”. MARTINS, Antonio Egidio. *São Paulo Antigo*. SP: Tipografia do Diário Oficial, 1912, vol.II, p.82.

<sup>7</sup> “(...) e quando terminava a festa da Igreja, os mesmos africanos acompanhavam, tocando quantos instrumentos esquisitos haviam, e cantando, o Rei e a Rainha, com a sua corte, composta de grande número de titulares e damas, que se apresentavam muito bem vestidos. O Rei e a Rainha, logo que chegavam em casa, ofereciam aos mesmos titulares (títulos que então possuíam os antigos estadistas do tempo do Império) e às damas um opíparo jantar, durante o qual trocavam-se amistosos brindes entre os convivas, mandando as majestades distribuir bebidas aos tocadores de tambaque que ficavam na rua esperando a saída das mesmas personagens. Estas voltavam para a igreja a fim de tomarem parte na solene procissão de N. Sra. do Rosário.” Idem, *ibidem*, p.82-83.

<sup>8</sup> “Nesta Santa Irmandade se farão todos os annos hum Rey e huã Rainha, os quaes serão pretos de Angolla e serão de bom procedimento; e terá o Rey tão bem seu voto em meza, todas as vezes que se fizer, visto dar a sua esmolla vantajada.” ACMSP, Compromisso da Irmandade de N.Sra. do Rosário. Livro 1-3-8, Capítulo 22, p.7.

<sup>9</sup> BARTH, Fredrik. *Op.cit.*, 1997.